

sinopse

A HERANÇA DA PAISAGEM

Dissertação de Mestrado: Euler Sandeville, or. Dra. Miranda Magnoli
1993



Defesa da Dissertação em 18/04/1994,

Banca Examinadora: Profa. Dra Miranda Martinelli, Prof. Dr. Murillo Marx, Prof.
Dr. Nicolau Sevcenko

RESUMO

É uma reflexão sobre o projeto da paisagem, as maneiras como vem sendo entendido e a busca de caminhos para a atuação, que incluem uma indagação constante perante a cidade e a cultura. **São três módulos de análise:**

ABSTRACT

This work is about understanding the design of landscape and searching for new ways of action that includes constant questioning within the city and the culture. The analysis is divided into three units: landscape architecture, architecture, and management.

LANDSCAPE ARCHITECTURE

The project of landscape reestablishes conceptual, aesthetic, and interpretative connections between the city and its architecture and art. The complexity of conceptual, social and aesthetic interaction of design of landscape is shown by investigating how the heritage of design deeply

rooted in our culture.

ARQCHITECTURE

The project of modernization of public space inserts the architecture in the city as a distinctive fact. Two major points are: the role of public power and architects in shaping the city, and the concept of their architectural and urbanistic projects.

MANAGEMENT

The management of urban space by public sector results in the waste of materials and in the loss of culture. It is necessary for a management of landscape to be based on valued and integrated criteria of actions and the culture.

MÓDULO 1: PAISAGISMO (Capítulos 1-5)

Discute a cultura do desenho dos espaços livres, a tradição do paisagismo e sua contribuição a esse campo do projeto ambiental, bem como a formação dessa tradição na cidade. Reconstitui os nexos conceituais, estéticos, interpretativos do paisagismo com a cidade, o urbanismo, a arte, a arquitetura. Os capítulos demonstram a complexidade e a interação conceitual e estética do projeto da paisagem, uma demanda atual de nossa sociedade. Ao longo desses capítulos são confrontados alguns estereótipos sobre paisagismo e se investiga como essa herança de desenho paisagístico se enraíza profundamente em nossa cultura.



CAPÍTULO 1. A RETA E A CURVA: A ESTÉTICA DA PAISAGEM

Discute que os estereótipos "formal" e "informal" representem em si uma relação de identificação e estranhamento com a natureza e verifica que essa polêmica ocorre também no urbanismo e na arquitetura, inclusive moderna. O capítulo aponta para um significado cultural mais profundo dessas questões e do que seja o projeto da paisagem, sem que se considerem como menores as questões da forma.

CAPÍTULO 2. A ARTE NA PAISAGEM CONTEMPORÂNEA

Procura uma aproximação contemporânea, especialmente após a Segunda Guerra, entre paisagismo e arte, sempre tão apontada em períodos anteriores.

É encontrada além das questões plásticas, na definição de objetivos e escalas de atuação no ambiente. O capítulo aponta para a complexidade social dos significados do projeto do ambiente contemporâneo.

CAPÍTULO 3. O PROJETO MODERNO DA PAISAGEM: I. OS ESTADOS UNIDOS

Investiga a origem do projeto moderno do paisagismo nos EUA, considerando a instituição do campo nesse país e suas referências projetuais.

CAPÍTULO 4. O PROJETO MODERNO DA PAISAGEM: II. BRASIL NOS ANOS 30 - MINA WARCHAVHIK E ROBERTO BURLE MARX

Investiga a origem do projeto moderno do paisagismo no Brasil, considerando a contribuição e referências projetuais de seus pioneiros.

CAPÍTULO 5. O PROJETO MODERNO DA PAISAGEM: III. SÃO PAULO A PARTIR DA DÉCADA DE 50 - WALDERMAR CORDEIRO, ROBERTO COELHO CARDOZO E DESDOBRAMENTO

Investiga a origem do projeto moderno do paisagismo no Brasil, considerando a contribuição e referências projetuais de seus pioneiros. Enfoca o período entre os anos 50 e 60, estabelece desdobramentos no caso de São Paulo e indaga genericamente sobre as transformações em curso no quadro atual.

MÓDULO 2: ARQUITETURA (Capítulos 6 e 7)

Discute a cultura da relação da arquitetura com a cidade, especialmente no projeto dos espaços públicos. O conceito da arquitetura como um fato radical de modernização de um passado a ser rejeitado é confrontado. São adotadas três linhas de abordagem nos textos: 1. Explicitando os valores de projeto e as relações da obra com o espaço público, numa perspectiva histórica; 2. Explicitando a inserção político-administrativa que possibilita a obra; 3. Explicitando o discurso que o arquiteto elabora sobre esses fatos que dão sua inserção profissional. Desse modo dois aspectos principais acabam sendo discutidos: o papel do poder público na configuração da cidade e o do arquiteto; o conceito de projeto arquitetônico-urbanístico que cria sempre um fato novo como meio de qualificar um lugar urbano.



CAPÍTULO 6. O ARQUITETO E O IMPERADOR DA ASSÍRIA

Analisa num episódio recente (o Parque do Tietê, 1986) o modo como o projeto de arquitetura propõe inserir-se na cidade e como o arquiteto estabelece o discurso que justifica a obra. Coloca em xeque aspectos políticos e ideológicos desse episódio, bem como o compromisso da arquitetura proposta em relação com a produção e valores da cidade.

CAPÍTULO 7. A ARQUITETURA NA CIDADE

Analisa como a arquitetura, enquanto obra (Memorial da América Latina, Estação Barra Funda do Metrô e Praça da Sé), insere-se na cidade como um discurso modernizador que despreza o passado. Levanta a questão da permanência e da inovação, do contexto urbano e histórico, dos valores e pressupostos como a arquitetura é concebida frente aos conteúdos sociais da paisagem.

MÓDULO 3: GESTÃO (Capítulos 8 e 9)

Discute a falta de uma cultura de gestão do espaço urbano e da paisagem entendida em sua complexidade. A falta de intencionalidade no que se refere a esses conteúdos com que o poder público administra o espaço urbano traz prejuízos sociais, materiais e culturais. Estes capítulos mostram a necessidade e viabilidade de uma gestão da paisagem que se baseie em critérios valorativos e integrativos das condições existentes e das ações dos diversos agentes, que seja, antes de mais nada, uma indagação constante perante a cidade e a cultura. Não se deseja com isso negar a possibilidade do projeto em favor da gestão; ao contrário, deseja-se introduzi-lo numa perspectiva mais abrangente.,



CAPÍTULO 8. A GESTÃO DA PAISAGEM - UMA EXPERIÊNCIA-PILOTO

Apresenta o "Programa Piloto do Eixo Sé-Arouche" e seus pressupostos teóricos e operacionais, o conceito de gestão da paisagem da área central de São Paulo, sua forma de atuação, discutindo a urgente necessidade de uma prática interpretativa da paisagem e das condições e objetivos da administração pública. Questiona o papel do poder público e do arquiteto que nele atua, frente a cidade. Aponta para impasses na transformação atual que sofre o programa. O "Eixo" é visto, como pretendia ser, como um exemplo de gestão do espaço público da cidade e uma abordagem da paisagem.

CAPÍTULO 9. O (NÃO) LUGAR DO PROJETO: UMA PAISAGEM QUE NÃO SE VÊ

Retoma conceitos desenvolvidos em capítulos anteriores, como o projeto enquanto visão utópica desvinculada dos lugares, a necessidade de identificação, a paisagem como uma riqueza e uma herança social, problemas de gestão do espaço público urbano, a negação de valores culturais da paisagem, o papel do poder público e do arquiteto etc., discutindo a percepção ambiental e apontando para que arquitetos e setor público pensem sua atuação a partir de reconhecimento, interpretação e gerenciamento dos valores ambientais e de uma investigação permanente dos compromissos culturais de seu projeto.